

A romaria de Nossa Senhora de Nazaré e o turismo de fé religiosa: um estudo etnográfico

The pilgrimage of Our Lady of Nazareth and tourism of religious faith: an ethnographic study

La peregrinación de Nuestra Señora de Nazaret y el turismo de fe religiosa: un estudio etnográfico

Ricardo Frugoli ¹
Mirian Rejowski ²

Resumo: Nos dias que antecedem a festividade do Círio de Nazaré, milhares de romeiros chegam a Belém (Pará, norte do Brasil). Não existem números precisos sobre eles, assim como os que chegam de canoa, barco, ônibus, bicicleta e principalmente caminhando. Entretanto, o afluxo de pessoas à cidade que sedia o maior evento religioso do Brasil é grande e, ainda assim, pouca luz tem sido lançada ao estudo das romarias. Diante disso, o presente artigo recupera e registra o histórico de uma dessas romarias, a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, popularmente conhecida como Romaria do Zé Bode, entre Castanhal e Belém, a partir de seus dois principais protagonistas, quem iniciou o caminho e quem se juntou a este e passou a organizar a romaria até os dias de hoje, e de seu planejamento, organização e estrutura de sua edição de 2017. Trata-se de uma pesquisa etnográfica na qual se analisa a relação entre a romaria e a fé no âmbito do turismo de fé religiosa, termo que melhor representa esse evento anual. Constatou-se que esse grupo de romeiros assumiu uma expressão tal no Círio de Nazaré que colocou a cidade de Castanhal como principal polo de emissão e concentração de romeiros de outras partes do estado do Pará.

Palavras-Chave: Turismo e religião; Turismo de fé religiosa; Romaria Nossa Senhora de Nazaré; Círio de Nazaré; Histórico e protagonistas.

Abstract: During the days leading up to the festival of Círio de Nazaré, thousands of pilgrims arrive in Belém (Pará, northern Brazil). There is no precise number of pilgrims who arrive either by canoe, boat, bus, bicycle or mainly walking. However, the influx of people to the city that hosts the largest religious event in Brazil is huge and yet little light has been shed on the study of pilgrimages. Thus, this article recovers and records the history of one of these pilgrimages, the Pilgrimage of Nossa Senhora de Nazaré, popularly known as the Pilgrimage of Zé Bode, between the cities of Castanhal and Belém, starting from its two main protagonists, who set out the pilgrimage, and the ones who joined it and those who began to organize it up to these days, and its planning, organization and the structure of its 2017 edition. This is an ethnographic research in which the relationship between the pilgrimage and faith is analyzed in the context of religious tourism, the term that best represents this annual event. It was found that this group of pilgrims took on such an expression in the Círio de Nazaré that placed the city of Castanhal as the main hub responsible for sending and concentrating pilgrims from other parts of the state of Pará.

Key words: Tourism and religion; Religious tourism; Pilgrimage of Nossa Senhora de Nazaré; Círio de Nazaré; History and protagonists.

¹ Doutor e Mestre em Hospitalidade, Graduado em Gastronomia pela Universidade Anhembí Morumbi. Professor na pós-graduação em Cozinha Brasileira no Centro Universitário do SENAC. E-mail: doutormanicoeba@gmail.com.

² Livre Docente em Teoria do Turismo e do Lazer, Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação e Graduada em Turismo pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Professora Titular da Universidade Anhembí Morumbi,. E-mail: mirwiski@gmail.com.

Resumen: En los días que preceden la celebración de Círio de Nazareth, millares de feligreses llegan a Belén (Pará, al norte de Brasil). No existen números exactos de cuántos son, ni de los que llegan en canoa, barco, autobús, bicicleta o principalmente a pie. Sin embargo, el flujo de personas hacia la ciudad que acoge el mayor evento religioso de Brasil, es grande y aun así se ha mostrado muy poco interés en el estudio de las romerías. Frente a esto, el presente artículo recupera y registra lo histórico de una de esas celebraciones, la Romería de Nossa Senhora de Nazaré (Nuestra Señora de Nazareth), conocida popularmente como Romería del Zé Bode, entre Castanhal y Belén, a partir de sus dos principales protagonistas, él que inicio el camino y quien se junto a este y pasó a organizar la celebración hasta el día de hoy, así como de la planificación, organización y estructura en su edición del año 2017. Se trata de una investigación etnográfica en la que se analiza la relación entre romería y fe en el ámbito del turismo de Fe religiosa, término que representa mejor este evento anual. Se constató que este grupo de feligreses asumió tal protagonismo en el Cirio de Nazareth, que ubicó a la ciudad de Castanhal como el principal polo de emisión y concentración de feligreses provenientes de otras partes de Pará.

Palabras clave: Turismo y religión; Turismo de fe religiosa; Romería Nuestra Señora de Nazareth; Cirio de Nazareth; Histórico y protagonistas.

1 Introdução

A festa religiosa conhecida como Círio de Nazaré, realizada anualmente na cidade de Belém do Pará - estado brasileiro localizado na Região Norte do país - , sempre acontece no segundo domingo do mês de outubro e tem duração de quinze dias, período chamado de quadra nazarena. A festa faz parte das tradições religiosas mais antigas do país e data do século XVIII, sendo celebrada desde 1793 em Belém. Foi introduzida pelos portugueses à época da colonização, mas, com devoção, a partir de 1700, quando foi encontrada a imagem de Nossa Senhora pelo caboclo Plácido às margens do igarapé Murucutu, local onde foi construída inicialmente uma ermida³, hoje a Basílica Nossa Senhora de Nazaré.

É considerada a maior festa religiosa brasileira, quer pelo seu tamanho, quer pela dimensão religiosa e turística de que se reveste. As 12 procissões oficiais que acontecem no período da festividade percorrem 140.3 km⁴ e atraem, segundo a organização, acima de 10 milhões de participantes. Somente a procissão principal, conhecida como Círio de Nazaré, que dá nome ao período de festa, levou para as ruas de Belém dois milhões de pessoas⁵ em 2017.

Como uma festa popular de grande expressão, promove o segmento do turismo religioso com o fluxo de turistas, devotos, romeiros e curiosos de todo o estado paraense, assim como de

³ Pequena capela localizada em lugares remotos.

⁴ Dados Dieese Pará 2017.

⁵ Dados do G1/Jornal Liberal Para. Disponível em <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2017/noticia/procissao-numero-225-do-cirio-de-nazare-leva-2-milhoes-de-pessoas-as-ruas-de-belem.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2018.

outros estados brasileiros e até do exterior. Apesar da existência de bibliografia sobre o Círio e as manifestações ocorridas em Belém, deparou-se com a escassez de pesquisas sobre as romarias que levam grande número de devotos caminhantes para renderem homenagem ou pagarem promessas à Santa em Belém.

Por essa razão, o presente trabalho tem, como foco, a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré e, como objetivo, recuperar e registrar o histórico dessa romaria, desde a promessa de Zé Bode - que originou o primeiro grupo -, até a sua 38ª edição no ano de 2017. Trata-se de parte de uma ampla pesquisa etnográfica sobre a hospitalidade no acolhimento dos romeiros durante o Círio de Nazaré, que foi desenvolvida por Frugoli (2019) como tese de doutorado e revelou conhecimentos originais e relevantes sobre a referida romaria, seus protagonistas e os lugares provisórios de hospitalidade.

O artigo inicia-se com uma breve explanação acerca da metodologia utilizada na pesquisa de campo. Em seguida, apresentam-se aproximações conceituais na relação entre turismo e religião, destacando: a problemática e a complexidade de sua conceituação; a relação tênue entre o sagrado e o profano; e os tipos de turistas religiosos, com destaque aos participantes das romarias ou peregrinações. Posteriormente, discorre-se sobre a romaria, a partir da atuação dos seus dois principais protagonistas: Zé Bode, de quem a romaria herdou o nome popular, e professor Nazareno, o atual responsável pelo planejamento, pela estrutura e pela organização anuais do evento que, no ano de 2017, estava em sua 38ª edição. Passa-se, então, ao estabelecimento de relações entre a romaria e o turismo de fé religiosa e segue-se às considerações finais.

2 Método etnográfico e sua aplicação na pesquisa

O método etnográfico foi empregado neste trabalho por ser adequado para investigar e observar o fenômeno “de dentro e de perto” (MAGNANI, 2002) e, assim, compreender como acontece a Romaria do Zé Bode e qual sua função e importância para o grupo e para as pessoas que assistem os seus integrantes durante o percurso. Antes do acompanhamento, houve a imersão de um dos autores.

A fim de se chegar às fontes de evidência, realizou-se observação participante com anotação em caderno de campo, entrevistas semiestruturadas com o coordenador e entrevistas

abertas com os participantes. Foram coletados, ainda, depoimentos de participantes nas fases de preparação e durante a romaria, além da consulta a documentos e registro fotográfico e em vídeo do período de 31 de setembro - chegada a Castanhal - a 5 de outubro, chegada à Belém. Os áudios e vídeos com entrevistas e depoimentos foram transcritos, preservando a oralidade originais; as fotos e vídeos foram selecionados em termos de relevância e qualidade, bem como as anotações do caderno de campo, compondo um rico material de dados.

O pesquisador chegou a Castanhal no dia 30 de setembro de 2017, buscando se localizar na cidade e entender como funcionava a romaria, de onde sairia, como participar, encontrar o organizador, compreender e, se possível, acompanhar os preparativos e a organização do grupo e, por fim, acompanhar o grupo até Belém, com chegada prevista no dia 4 de outubro.

A partir de informações truncadas, conseguiu contatar o organizador da romaria, conhecido como professor Nazareno, um acadêmico, doutor em Gestão em Educação, de quem recebeu uma verdadeira aula sobre a romaria. Ele abordou as dificuldades, a estrutura oferecida, o árduo trabalho de angariar apoio, as paradas e as refeições fornecidas, as dicas de como se preparar fisicamente e o que levar. Pelas informações, muitas vezes complementadas por Socorro, sua esposa, obteve-se a informação do caminhão que levaria as malas e mochilas. Ela destacou a importância deste apoio, pois em um certo ponto da romaria “até a aliança passava a pesar”.

O papel de Socorro foi sendo esclarecido nos dias seguintes, quando o pesquisador entendeu as múltiplas funções dela, que começava planejando antecipadamente a previsão de flores vindas de São Paulo para, na véspera, decorar a berlinda e, no dia da romaria, preparar o jantar dos romeiros, entre outras atividades. Acompanhando os preparativos junto com o professor Nazareno e conseqüentemente colaborando com a jornada em preparação, o pesquisador constatou a realidade, o desprendimento e o altruísmo do organizador do evento em situações como a coleta junto aos apoiadores: muitas vezes, o já combinado tinha sido esquecido, o que o levou a voltar mais do que uma vez ao mesmo local para fazer a coleta.

O prof. Nazareno, em alguns momentos, desabafou sobre o desgaste de pedir, de recolher e disse que, se possuísse os recursos, faria a romaria sem pedir nada. No fim da tarde do dia que antecedia à partida do grupo, o pesquisador trabalhou com Socorro, enquanto alguns homens faziam os últimos ajustes de som e iluminação da carrinha que carregaria a berlinda com a

imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Socorro e outras mulheres já estavam desde a manhã na decoração da berlinda, que somente ficou pronta próximo da meia-noite, quando todos os que trabalhavam na ocasião se confraternizaram com uma rodada de pizzas.

No dia da saída, após todas as bênçãos à romaria, o pesquisador foi apresentado formalmente para toda a comunidade como tal, sendo convidado a explicar um pouco do projeto. Relatou sobre o treinamento realizado anteriormente e explicou o teor da sua pesquisa. No momento do ritual da troca de mantos da imagem oficial da romaria, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré que o pesquisador levava consigo foi presenteada oficialmente com o manto de 2016. No final da cerimônia de partida, por orientação do professor Nazareno, todos foram convidados a conduzir a imagem do pesquisador até Belém, e, de mãos em mãos e mesmo perdendo suas coroas, ela chegou à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré no dia seguinte.

Durante o trajeto de 80 km, que durou 27 horas e era muito longo para ser realizado em pouco tempo e sem muito descanso, houve 6 rápidas paradas, uma tempestade e, por mais equipado que o pesquisador estivesse para minimizar os efeitos da caminhada, ele sofreu com pés e mãos inchados, assaduras e bolhas no pé em maior ou menor proporção.

3 Turismo e religião: aproximações conceituais

Domínguez e Alon (2019) citam que vários autores consideram ser complexo conceituar o turismo religioso em razão de a sua formação envolver duas realidades: o turismo e a religião, cada uma delas com valores próprios, combinando, de um lado, o caráter ancestral da religião e, de outro, o caráter moderno do turismo (PARELLADA, 2009).

Como segmento turístico, o turismo religioso apresenta diferenças e semelhanças com outros segmentos e produtos turísticos, embora esteja classificado dentro do segmento de turismo cultural pelo Ministério do Turismo no Brasil (BRASIL, 2010). Para Silva e Borges (2019, p. 376), a sua principal diferença reside na motivação da viagem do turista que, em uma visão generalista, seria a fé e tradicionalmente inclui visitas a santuários e locais sagrados, bem como participação em celebrações religiosas e peregrinações. De acordo com Aulet e Hakobyan (2011), Oliveira (2008) e Pereira (2010), o turismo religioso se compõe de vários padrões de cunho tradicional, cultural, espiritual, religioso e cênico, que influenciam tanto a intenção quanto a decisão de viajar. Como exemplo, as autoras Aulet e Hakobyan (2011), Gil (2006) e Millán

(2010) citam o Caminho de Santiago que, apesar de sua origem religiosa, contém um patrimônio histórico-cultural-artístico nos locais percorridos pelos caminhantes que não pode ser dissociado das ofertas e motivações deste caminhante.

O turismo religioso é um fenômeno mundial e uma das mais antigas formas de turismo conhecidas, com motivações exclusivas ou fortemente relacionadas a razões religiosas, podendo ser de curta ou longa duração, em destinos nacionais ou internacionais, dentre outros aspectos (GREENIA, 2018; OHEN, 1992; RINSCHEDI, 1992; VALLE, 2019). Embora tenha características particulares, nele deve-se considerar o consumo, de acordo com Rinschede (1992), pois os peregrinos fazem uso de equipamentos e serviços e apresentam uma estrutura de gastos similar à de qualquer turista (BENI, 2000, p. 422).

Conforme estimativas da Organização Mundial de Turismo divulgadas em 2014, um fluxo de 300 a 330 milhões de turistas se desloca anualmente para visitar os mais importantes centros religiosos do mundo, em um total aproximado de 600 milhões de viagens religiosas (nacionais e internacionais), sendo a maior parte delas (40%) na Europa (UNWTO, 2014). Tais sítios de patrimônio religioso são importantes destinações turísticas com forte participação nas chegadas e receitas do turismo internacional e, além disso, “contribuyen de manera vital a la tolerancia, al respeto y al entendimiento entre diferentes culturas” (UNWTO, 2014, p. 1).

Durante o Congresso Internacional de Turismo Religioso e Peregrinação, realizado pelo governo português e pela Organização Mundial de Turismo em 2017 na cidade de Fátima (Portugal), a então Secretária Nacional de Qualificação e Promoção do Turismo apontou dados do segmento no Brasil, com base em estudo realizado pelo Ministério do Turismo. De acordo com o estudo, as viagens motivadas pela fé no Brasil movimentam “4,4 bilhões de dólares decorrentes de 20 milhões de viagens por ano”, em mais de 300 destinos nacionais de turismo religioso. A Secretária ainda destacou a tolerância religiosa como a característica mais marcante do segmento no Brasil e citou, entre vários destinos e eventos, o Círio de Nazaré, em Belém, no estado do Pará.

Ao se avançar um pouco mais sobre o turismo religioso, percebe-se uma abrangência maior do que se imagina a priori. Em alguns casos, as manifestações religiosas e seus desdobramentos se misturam entre si, não só por se perderem na linha tênue que separa o sagrado do profano (DA MATTA, 1981), mas também pelo diálogo entre algumas religiões, que chegam

até a se apropriar de símbolos e rituais umas das outras. Para sua própria manutenção e permanência, transitam entre o “sagrado e profano”, às vezes valorizando o “viver o profano” em detrimento do “sagrado”, que se torna coadjuvante em uma festa de cunho justamente sagrado; outras vezes utilizam o “profano” como alavanca para realçar ou ressaltar o “sagrado”, como no caso das festas profanas medievais, dentre elas o Carnaval, resgatado pelo cristianismo (COX, 1974).

Assim, existe alguma justificativa ao se questionar a classificação do Turismo Religioso, talvez pela ocorrência de muitas manifestações profano-religiosas que, devido a sua complexidade de significados, “inviabilizam” o sagrado e, dessa forma, as práticas profanas sobressaem-se na expressão geral e no imaginário coletivo. Uma determinada festa pode ser espetacularizada em algumas localidades com a construção de grandes arraiais, lugares de encontro e repletos de propostas profanas, com acesso a recursos diversos e programações pensadas com antecedência para atrair grande número de participantes (CASTRO, 2002). Na ocasião, oferecem-se shows com atrações regionais e nacionais, concursos de quadrilha, barracas de alimentação e entretenimento, entre outros atrativos, ofuscando o caráter religioso até mesmo para o participante que foi em busca do aspecto religioso da manifestação.

Os estudiosos dedicados ao tema, em geral, apontam diferenças e semelhanças entre a peregrinação e o turismo religioso, levando à discussão dos conceitos de turista religioso e peregrino. Sharpley e Sundaram (2005) citam que a intensidade da motivação religiosa pode definir a relação entre o turismo e a religião, o que é útil para conceituar os tipos de turismo e turistas decorrentes dela, conforme apontado por Smith (1992) na figura 1. No centro dela, no continuum entre o sagrado e o profano, situa-se o turismo religioso, composto igualmente de peregrinos e turistas. À esquerda, tem-se a peregrinação, com o fluxo essencialmente de peregrinos (a) e peregrinos em maior número de turistas (b), com maior motivação ao sagrado; e à direita tem-se os peregrinos em menor número do que os turistas (d) e essencialmente turistas (e), com maior motivação ao profano.



a: Peregrino b: Peregrino > Turista c: Peregrino = Turista
d: Peregrino < Turista e: Turista secular / profano

Figura 1 – Delimitação entre peregrino e turista religioso

Fonte: adaptado de Smith (1992).

Especificamente em relação ao peregrino, para Souza (2013), ele tem determinadas motivações, atitudes e forma com que conduz a sua missão:

[...] um homem em busca da Cidade Ideal, não existente no mundo profano, o que confere à sua caminhada um sentido do utópico, de busca do que não poderá jamais ser alcançado. Tal busca, por outro lado, o purifica e permite que ele retorne renovado, ao mundo profano, o que confere à romaria um sentido profundo que só pode ser alcançado a partir do sofrimento: uma peregrinação confortável, neste sentido, perde seu significado. (SOUZA, 2013, p. 82)

No entender de Ribeiro (2010, p. 11), a romaria deve ser compreendida como uma peregrinação vinculada a motivos religiosos, na qual os romeiros participam de “cultos, ou se envolvem em outras demonstrações de fé (orações, celebrações, existência de um conjunto de práticas devocionais), estão convictos de que observam uma obrigação religiosa e a realizam dentro de uma autodisciplina rigorosa”. No Brasil, em geral, as peregrinações católicas assumem o nome de romarias, com uma clara diferença entre romeiros e turistas como explica uma devota de Nossa Senhora de Nazaré que, por 12 anos, esteve entre os casais que coordenavam o Círio:

[...] Romeiro é todo mundo que vem ao encontro da Mãe no Santuário, é [...] não importa se ele veio de avião até Belém, não importa se ele veio de carro, se ele veio a pé, agora, o que importa na verdade é a intenção dele do coração...não...eu vou para Belém [...] vou para festa do Círio, mas assim, não vou com aquele foco [...] de vou para N. Sra...eu acho que a grande diferença do romeiro pro turista é esta, o romeiro ele vem com a vontade de chegar na Casa da Mãe tomar a benção da Mãe de Mazaré, entendeu? O turista não. Ele vai passar pela Casa da Mãe, ele vai assistir. Acho que esta é a diferença fundamental, um vive, outro assiste. (Regina Ventura, 2017)

Para os peregrinos caminhantes, o quesito da penitência é uma constante (ARAGÃO; MACEDO, 2011), integrada às suas motivações religiosas. A sua experiência turístico-religiosa pode ser ampliada mediante a oferta e fruição de informação, segurança e hospitalidade, mantidas as características devocionais e de sacrifício da sua viagem que portam a simbologia de um presente individual oferecido ao sagrado. Dessa forma, os romeiros praticam peregrinação motivados por distintas demandas, nas quais o sacrifício passa a ser o presente, que pode ser complementado ou não com algo físico que o penitente carregue, como o chamado ex-voto, ofertado ao objeto de devoção, ou o cansaço e as bolhas nos pés pela árdua caminhada.

Greenia (2018) em seu artigo *What is Pilgrimage*, refere-se às sete principais características dos peregrinos mais percebidas e ressaltadas na literatura pelos acadêmicos, indicando que eles: a) celebram uma localização física como um local de acesso simbólico ou real a poderes além do reino humano; b) deslocam-se do local habitual, das rotinas diárias e da posição social para empreender uma viagem à liminaridade, onde os papéis sociais e as restrições são eliminados ou transcendidos; c) apresentam comportamentos ritualizados e não utilitários no curso de sua viagem ou enquanto saboreiam o objetivo da jornada com desconfortos e provações não apenas tolerados, mas sendo bem-vindos e abraçados como componentes essenciais da busca; d) estão presentes em um local que outros designaram como significativo por razões não materiais - estar lá é transformador e enriquecedor e conecta alguém a valores além do alcance normal do indivíduo; e) aceitam que há um impreciso mas presumível “valor transacional” para a jornada, que um grande esforço pode ter um grande retorno em termos de cura, expiação de culpa ou pecado, indução de um favor divino especial; f) veem a experiência de peregrinação, de antemão, como capaz de criar uma memória duradoura.

O romeiro, na execução de seu sacrifício e de sua oferta, ofertando a si - quando se resigna frente às dores físicas - para o pagamento de sua promessa, de posse de seus “ex-votos” e com suas manifestações físicas e pessoais de emoção compõe um dos principais elementos visuais da manifestação, personificando a fé que dá identidade às romarias e eventos de celebração religiosa, como o Círio de Nazaré.

4 Romaria do Zé Bode ou de Nossa Senhora de Nazaré

O movimento popular espontâneo de devotos e promesseiros em direção à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré na cidade de Belém acontece uma semana antes da abertura oficial da festa, tendo seu grande fluxo entre a quarta-feira e o sábado, esses romeiros mudam a rotina e a paisagem no trecho entre a cidade de Castanhal e Belém da Rodovia BR-316, principal rodovia que liga Belém a alguns municípios do nordeste paraense. . O movimento, conhecido como caminheiros ou romeiros da fé, iniciado no final da década de 1970 e início dos anos 1980, tem os seus primeiros anos marcados por caminhadas de fiéis que saíam do Município de Castanhal em peregrinação rumo à Basílica Nossa Senhora de Nazaré para pagarem promessas por graças alcançadas.

A Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, objeto desta pesquisa, tem estreita ligação com Raimundo Nonato de Magalhães, conhecido como Zé Bode. Em 1979, motivado por uma promessa a Nossa Senhora de Nazaré - na qual pedira pela saúde do filho e fora atendido - , inicia uma promessa de sete anos, em que percorreria, de uma só jornada, o trajeto de 79 km que liga Castanhal a Belém, carregando uma cruz cujo aumento de tamanho e peso se dava a cada ano. Segundo Dona Nilza⁶ e professor Nazareno,⁷ a última cruz do sétimo ano pesava cerca de 20 kg. Na foto da figura 2, Zé Bode com sua cruz e seus parceiros, Dona Nilza (boné azul) ao lado direito do romeiro, junto com Professor Nazareno (calção branco), primeiro da esquerda para direita.

O período de sete anos de duração da promessa de Zé Bode com sua cruz é questionável, pois, se ela começou em 1979 deveria ter terminado em 1985. No entanto, segundo relato do professor Nazareno, seu encontro com Zé Bode e sua cruz deu-se pela primeira vez em 1992. Na figura 6, posterior a 1992, observa-se um grupo de romeiros na porta da igreja se preparando para sair juntos, e Zé Bode está de posse de sua cruz.

Antes dele, já havia outros que faziam a romaria, como diz o professor Nazareno: *“pessoas que já faziam esta romaria, mas passavam três dias para chegar em Belém, porque*

⁶ Devota promesseira participante da romaria há mais de 25 anos.

⁷ Devoto promesseiro participante da romaria há 29 anos e atual organizador.

dormiam, levavam rede, levavam carro”. Assim, Zé Bode, com sua romaria pessoal, propunha um percurso de uma só vez, com poucas e rápidas paradas para descanso e carregando uma cruz.

Ao fim dos anos de promessa, Zé Bode continuou fazendo a romaria até 2013, e passou a carregar uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré inicialmente nas mãos e posteriormente pendurada no pescoço em uma espécie de suspensório. Os relatos dos devotos contam que, com a imagem, ele abençoava pessoas que se sentiam fracas pelo esforço, as quais, em contato com sua santinha e ouvindo suas palavras de incentivo, logo retomavam forças: *“ele tinha muita fé, ele mostrava muita fé, a questão das pessoas andarem com o Zé Bode, era aquela fé que ele tinha [...] tão grande”* (Professor Nazareno, 2017).



Figura 2 - Zé Bode e sua Cruz- na porta da igreja matriz de São José em Castanhal
Foto: arquivo pessoal de Dona Nilza M. P. Salvador (posterior a 1992).

A romaria pessoal de Zé Bode e sua cruz deixava Castanhal às vésperas do Círio e seguia direto para Belém com paradas rápidas para descanso, como já mencionado anteriormente. O sacrifício do devoto foi ganhando fama e parceria de amigos e pessoas de fé que, comovidas com tamanho esforço, passaram a acompanhá-lo no trajeto. Assim, lembra o Senhor Benedito - que acompanhou Zé Bode desde de sua primeira romaria em 1979 - , a respeito de como a romaria individual foi se transformando em um grupo: *“E mais outras pessoas, aí foram mais pessoas se ajuntando, de cinco, seis, aqui e acolá ia ajuntando, certo, até chegava até lá... e ele sempre carregando a imagem aqui no peito”*. Segundo ele, era também para fazer companhia que as pessoas passaram a acompanhar Zé Bode.

Conforme constatado durante a pesquisa em 2017, o trajeto é percorrido por milhares de romeiros, uma parte deles seguindo essa tradição criada pelo famoso Zé Bode. Apesar de muitos não conhecerem seu nome, referem-se a sua história constantemente, ressaltam o tamanho atual do grupo por ele criado e citam outros grupos surgidos tendo este como modelo. Dessa forma, justificam o fato de se dirigirem de seus municípios de origem para Castanhal, de onde iniciam sua romaria até Belém. Mas há outros que são motivados pelos relatos de amigos, como o romeiro iniciante, Gustavo, estudante mineiro residente em Belém, influenciado por um amigo de universidade, morador de Castanhal:

Eu fiz [...] é, eu tenho um amigo da faculdade que mora em Castanhal, ele vai pra faculdade todo dia, lá na UFPA, vem de Castanhal pra cá, e ele me falou um dia que ele quase todo ano ele vinha de Castanhal pra cá, pra pagar promessa, essas coisas [...] aí com o passar do tempo a gente vai [...] vai precisando fazer algumas promessas, né [...] aí eu acabei fazendo duas promessas e eu vim pagar esse ano, com o Círio de Nazaré, junto com meu amigo também, que ele não conseguiu chegar mas eu... cheguei. (Gustavo G. Prestes, 2017).

Apesar de serem reconhecidos na estrada como romeiros do Zé Bode, o grupo tem um nome oficial – Romaria de Nossa Senhora de Nazaré - e é representado e organizado pela Associação Comunitária dos Devotos e Romeiros de Nossa Senhora de Nazaré de Castanhal/Apeu - ADECA. Em 2017, a romaria completou sua trigésima oitava edição e, segundo o professor Nazareno, nos últimos anos, o grupo tem tido aumentos significativos, chegando, no ano em que se realizou a pesquisa, à marca de aproximadamente 1.200 participantes nos momentos de maior fluxo porque, durante o caminho, outras pessoas vão se juntando ao grupo.

Outro informante importante a esse evento atualmente é o Professor Doutor José Nazareno Abraçado Henrique, conhecido oficialmente como professor Nazareno Abraçado e popularmente como professor Nazareno. A sua primeira experiência em uma romaria começa em 1989, quando o então professor de educação física na Escola Agrotécnica Federal de Castanhal recebeu a informação de que assumiria, no ano seguinte e por um mandato de quatro anos, a direção da instituição que se apresentava com muitas dificuldades na ocasião. Após refletir sobre os problemas a serem enfrentados ao assumir o cargo e motivado por sua fé em Nossa Senhora de Nazaré, propôs aos seus alunos que iniciassem junto com ele, no ano seguinte, uma romaria para a Basílica de Nazaré, compromisso que pretendia manter durante os quatro anos em que estivesse à frente da direção da escola:

[...] e pelas dificuldades que eu encontrei, a forma de como como a escola estava, eu me senti assim, muito fraco para isto e me e me apeguei com Nossa Senhora de Nazaré de que durante os quatro anos que a gente estivesse na direção eu todo ano iria caminhar com os alunos até Belém. (Professor Nazareno, 2017)

Conforme planejado no ano anterior, na quinta-feira, 11 de outubro de 1990, o professor partiu com um grupo de aproximadamente 25 alunos da Escola com o objetivo de chegar à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré em Belém. Pelo fato de todos os envolvidos praticarem Educação Física, foi planejado o percurso em uma única jornada. No entanto, foram vencidos pelos calos e assaduras, causados pela falta de experiência, previsão, preparo e planejamento para percorrer, de uma só vez, uma distância de quase 80 km, realizando esforços maiores do que os praticados por esportistas. Chegaram até a cidade de Marituba, onde, impossibilitados de continuarem os 25 km restantes até Belém, seguiram de transporte coletivo para a Basílica, cumprindo suas promessas.

No segundo ano, em 1991, já com alguma experiência, tendo paradas programadas para jantar, merendar e tomar café da manhã, passaram a contar com o apoio logístico de um carro conduzido por Socorro, esposa do Professor Nazareno. Ela se tornou uma espécie de anjo da guarda da romaria. Naquele ano, chegaram até Ananindeua, 19 km distante de Belém, e novamente se utilizaram de transporte público para chegarem à Basílica.

No terceiro ano, alcançaram o objetivo e chegaram caminhando até a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré em Belém, mais experientes, com calçados e roupas adequados, alimentação

planejada e executada por Socorro. Além disso, durante o trajeto, tiveram seu primeiro e definitivo encontro com o devoto romeiro Zé Bode, conforme relata o professor Nazareno:

Na terceira vez que nós estávamos caminhando, foi quando nós conhecemos o Zé Bode, daí nós começamos juntos, ele jantou com a gente, tomou café. E também sempre teve as paradas, nunca o Zé Bode dormiu para outro dia não, sempre teve as paradas como a gente faz hoje, e eu cheguei com ele até à Basílica, aí depois do quarto ano, fui chegando junto com ele, já saindo...programando, entendeu? Então foi assim que aconteceu, nunca o Zé Bode dormiu para outro no outro dia não, ele tinha as paradas porque tinha que parar, porque ele carregava sozinho a cruz sem ninguém ajudar nada, entendeu [...], era o que ele fazia, a gente não podia nem tocar na cruz, que ele não deixava. Então, daí nós começamos a caminhar juntos. (Professor Nazareno, 2017)

Unidos oficialmente a partir de 1993, o grupo de Zé Bode e o do professor Nazareno passaram a constituir uma única romaria com organização e planejamento a cargo de Nazareno. Inicialmente, implantaram as camisetas, e não houve problemas de adaptação, conforme explica o professor Nazareno:

Ele se adaptou a nossa realidade, porque até então por eu ser um profissional da área da educação física, eu passei a mostrar para ele, a questão da parte física, porque queira ou não queira, isto é uma atividade física, 79 km, nós não estamos acostumados a fazer isto no dia a dia, nós precisamos de muitas coisas para isto, vários fatores são importantes, saúde, o vestuário, o calçado, a alimentação, o líquido, não só a água porque nós temos que repor os sais minerais que perdemos. Então eu comecei mostrar para ele porque muita gente não chegava, porque tinha gente que fazia promessa sem comer nada, ia em jejum [...]isso no momento que a gente começa a trabalhar o , nosso corpo [...] tem um consumo o nosso corpo é uma máquina , depende de, alguma coisa que alimente, então isto eu fui mostrando e ele foi se enquadrando. Porque até então ele sabia que eu tinha conhecimento da área e que nós estávamos ajudando muita gente, então não teve nenhum problema [...], nenhuma resistência, porque sempre nós colocamos como grupo do Zé Bode e sempre colocamos ele na frente, por ser realmente a pessoa que começou junto com as pessoas do passado. (Professor Nazareno, 2017)

Na figura 3, veem-se os dois principais protagonistas da Romaria, Zé Bode e professor Nazareno. Nota-se que Zé Bode já está com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, o que indica que ele já havia terminado a sua promessa de carregar a cruz.



Figura 3 - Zé Bode e Professor Nazareno

Foto: Daniel Cruz (Revista Veja, out. 2008).

O grupo, Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, tem este nome oficial, pouco conhecido até mesmo entre os seus integrantes, cuja maioria a ele se refere como Romaria Zé Bode, Romaria Castanhal-Belém ou Romaria do Professor Nazareno. No entanto, o seu expressivo número de romeiros - por onde passa na estrada, pelos vilarejos que corta e por quem conhece e aguarda sua passagem anualmente - é imediatamente identificado e chamado de grupo ou Romaria do Zé Bode, o homem que carregava a cruz até a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré em Belém.

Na foto da figura 4, vê-se a concentração da XXXVIII Romaria de Nossa Senhora de Nazaré em frente à Igreja Matriz de São José em Castanhal, onde, após a benção do pároco, muitos romeiros se organizam para o registro de uma foto de recordação.



Figura 4 - Concentração da Romaria - Foto em Castanhal
Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Com o passar dos anos, o grupo ganhou fama e adeptos de diversas cidades da região. De acordo com seu organizador, atualmente recebe romeiros que saem de Belém na noite anterior ou na madrugada do dia da romaria, dirigem-se a Castanhal e, de lá, partem com uma média de 700 pessoas, ganhando, conforme já dito, adeptos durante o caminho, na própria Castanhal, na estrada e nas cidades por onde vai passando.

Com uma gestão quase missionária do Professor Nazareno, a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré tem uma grande estrutura, começando com a “carretinha da romaria”, um carro de reboque adaptado, em cuja estrutura há um sistema de som embutido e um sistema mecânico de subida e descida que suporta uma grande e pesada berlinda⁸ de Nossa Senhora de Nazaré, o centro focal da romaria. Na véspera da saída, Socorro, “braço direito da romaria e anjo da guarda dos romeiros”, junto com familiares e amigos, passa em média 12 horas ornamentando a berlinda. Ela diz que se deve ter o máximo de cuidado com o bem-estar da santinha, ao ponto de ter um perfume especial usado no interior da berlinda, tudo para louvar e alegrar Nossa Senhora de Nazaré.

⁸ Com base nas carruagens de quatro rodas e vidraças, o Círio de Nazaré em Belém tem uma grande “Carruagem Berlinda” para transportar a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré durante as duas principais procissões. Estas carruagens são reproduzidas em menor escala pelos grupos de romeiros mais organizados.

No fim da noite, ainda na véspera, um grupo de homens transporta e instala a berlinda na carrinha, o principal carro da estrutura da romaria. A berlinda é sempre o ponto de atenção dos romeiros, estará na porta da Igreja Matriz de São José na manhã seguinte e guiará os romeiros por 24 horas até Belém. Na figura 5, vê-se Socorro, de vestido, ornamentando a berlinda da XXXVIII Romaria de Nossa Senhora de Nazaré.



Figura 5- Decoração da berlinda
Foto: Ricardo Frugoli (2017).

A carrinha é puxada pelo automóvel de um devoto, e toda a romaria acontece neste formato: tudo doado e quase todos os que trabalham estão se doando. É escoltada por dois carros da Polícia Rodoviária Federal até o fim da BR na entrada de Belém, e teve, em 2017, os seguintes carros de apoio durante as 24 horas: caminhão para malas e mochilas, 2 ambulâncias, 1 ônibus de apoio ao romeiro, 1 caminhão de água e 1 carro de frutas. Na figura 6 vê-se o professor Nazareno orientando o devoto que dirigia o carro líder, responsável por puxar a carretinha da berlinda.



Figura 6 - Carretinha com sua berlinda

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Toda essa estrutura é possível graças ao trabalho e dedicação do professor Nazareno, que, já no mês de junho, começa a se articular, conversando e se reunindo com pessoas e empresas para captar doações de água, de alguns insumos para alimentação e dos insumos necessários para os curativos. Busca também o patrocínio das camisetas em pequenas e médias empresas. Os romeiros que podem pagar⁹ adquirem esses produtos na ocasião da inscrição para romaria, e os recursos são utilizados para pagar as despesas gerais da romaria: combustível, insumos faltantes, o animador¹⁰, ambulância, ônibus e outros. Os resíduos de despesas são normalmente absorvidos pelo organizador.

A estrutura necessária para dar acolhimento de boa qualidade durante a romaria não é fácil de conseguir. Nazareno afirma ser um homem de fé, cujo nome lhe fora dado por conta da devoção de seu pai a Nossa Senhora de Nazaré. Sua luta buscando insumos e recursos nos dois dias que antecedem a romaria foi acompanhada de perto, e muitos foram os “passa mais tarde” que o organizador recebeu, um verdadeiro exercício de paciência e fé.

⁹ Muitos romeiros que não podem pagar recebem a camiseta do Professor Nazareno ainda antes da saída em Castanhal, quando há peças disponíveis

¹⁰ O animador foi único profissional “remunerado” na romaria. Trata-se de um mototáxi da Cidade de Castanhal, um homem de muita fé, mas que podia se ausentar do trabalho por causa da necessidade dos proventos de seu dia. Por conta disso, foi combinado o reembolso do seu tempo de trabalho, com base em uma média acordada.

Nazareno faz uma pré-romaria solitária em busca de seus objetivos. Segundo ele, “tudo vale para louvar a Mãe”, e o organizador sempre acredita no encontro das soluções para as diversas demandas de produção para organizar estrutura mínima para tantas pessoas. Muitas vezes, repete “Maria passa na frente”, referindo-se à sua fé, alicerçada na crença de que, em algum momento, Nossa Senhora de Nazaré vai agir, atuar e resolver.

A Romaria do Zé Bode foi ganhando fama com suas ações de segurança e acolhimento, tornando-se cada dia mais visível com o constante aumento do número de romeiros participantes. Na figura 7, vê-se o carro de apoio, chamado pela organização de “carro das frutas”, servindo melancia para os romeiros. Nele também havia isopores com laranjas descascadas¹¹ geladas.



Figura 7 - Carro das Frutas da Romaria

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Em 2017, por meio da observação e coleta de depoimentos durante a pesquisa, percebeu-se que novos grupos de romeiros se formam, incentivados principalmente pelas notícias que circulam sobre a “Romaria de Castanhal” e sobre o Zé Bode. Considera-se que um fator motivador para esses romeiros é a segurança e o acolhimento que recebem durante o trecho

¹¹ A responsável pelo “carro das frutas” nos informou que as laranjas, ali geladas e à disposição dos romeiros, haviam sido descascadas na tarde anterior por um grupo de 3 vizinhas, ressaltando o fato de terem feito com alegria e que todas eram evangélicas.

Castanhal-Belém, cujas ações surgiram de forma espontânea ao longo do tempo, a partir da percepção da necessidade de acolhimento dos caminhantes. Além da motivação a outras romarias, a Romaria do Zé Bode coloca a cidade de Castanhal como uma espécie de ponto emissor de romeiros, um marco de início de um caminho.

No fim da década de 2000, a Romaria Castanhal – Belém, por ocasião do Círio de Nazaré, foi declarada patrimônio artístico e cultural do estado do Pará pela Lei nº 7.259 devido a sua grande expressão religiosa junto ao povo paraense. A rota é de aproximadamente 79 km que os devotos percorrem a pé, da Igreja de São José, situada na praça da matriz em Castanhal, até a Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, localizada na Viela Nazaré em Belém.

4 Conclusões

Pela abrangência e tipos de manifestações, talvez o turismo religioso não deva ser uma simples classificação no turismo cultural, assim como a sua noção conceitual deve ser parametrizada aos vários movimentos religiosos, em especial no caso das peregrinações e romarias. Diante disso, propõe-se o termo turismo de fé religiosa para indicar uma peregrinação ou romaria de devotos movidos pela fé a algum santo ou entidade, neste caso Nossa Senhora de Nazaré, com o fim de chegarem a um centro ou local emblemático de devoção.

Apesar de a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré ser um movimento popular espontâneo, existem momentos privados e rituais culturais dos quais, para participar, foi preciso transpor as fronteiras imateriais observadas por Raffestin (1997), pois estar presente fisicamente no espaço não significa fazer parte dele, o que só é possível transpostas as fronteiras imateriais. Assim, ao se usar a etnografia como método desta pesquisa, pode-se transpor essa fronteira e conseguir fazer parte do grupo tornando-se imperceptível, ou seja, sem interferir no fenômeno observado.

O movimento iniciado por Zé Bode e fortalecido pela parceria com o professor Nazareno até hoje mantém e amplia a Romaria Nossa Senhora de Nazaré. Conforme os relatos dos romeiros, o caminho tornou-se referência mediante a propagação de suas edições, atraindo mais romeiros para a rota. Os romeiros são como heróis, respeitados pela forte fé, pela coragem, pela capacidade de conquista; dessa forma, são ouvidos por seus concidadãos, e suas histórias vão espalhando a fama do acolhimento na rota entre Castanhal e Belém.

Nos dias que antecedem o Círio de Nazaré, muitos grupos de várias regiões do Pará dirigem-se a Castanhal e ali iniciam suas romarias, por saberem que no trecho entre essa cidade e a basílica de Nazaré, em Belém, nesses dias, existe acolhimento promovido pela população residente às margens ou próxima à estrada e também pela população da cidade de Belém. Além disso, como já dito, o grupo do Zé Bode ou Romaria de Nossa Senhora de Nazaré também funciona como inspiração aos demais grupos, devido à sua dimensão e organização.

Referências

- ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. É dia de festa: reflexões sobre os movimentos de transformação do Círio de Nazaré e sua relação com o espaço da cidade de Belém/PA. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 12, n. 24, jul./dez. 2013
- ARAGÃO, Ivan Rêgo; MACEDO, Janete Ruiz de. Festa e turismo religioso: a procissão em louvor ao Nosso senhor dos passos na cidade de São Cristóvão (Sergipe - Brasil). **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 20, 2011, p. 96-113.
- ARAGÃO, Ivan; MACEDO, Janete Ruiz de. Turismo religioso, patrimônio e festa: Nosso Senhor dos Passos na cidade sergipana de São Cristóvão. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 11, n. 3, 2011.
- AULET, Silvia; HAKOBYAN, Karine. Turismo religioso y espacios sagrados: una propuesta para los santuarios de Catalunya. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 1, n. 1, 2011, p.63–82.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2000.^[1]_[2]
- CASTRO, Maria Laura Viveiros. Os sentidos no Espetáculo. **Revista de Antropologia**, v. 42, n. 1, 2002, p. 37 – 78.
- COX, Harvey. **A Festa dos Foliões**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- DA MATTA, Roberto. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, RJ, 1981.
- DIEESE, PA – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, Escritório Regional do Pará. Turistas no Círio de Nazaré, Coletiva de Imprensa, Círio de Nazaré, 2017. Pesquisa encomendada pela SETUR, PA – Secretaria de Turismo do Pará, 2017.
- DOMÍNGUEZ, María del Mar Rodríguez; ALON, Mercedes Vila. Religious tourism in Galicia: the case o fel Camino de Santiago. In: ÁLVAREZ-GARCÍA, José; RANA, María del Cruz del Río; GÓMEZ-ULLATE, Martín. **Handbook of research on socio-economic impacts of religious tourism and pilgrimage**. Hershey: IGI Global, 2019, p. 86-103.

GIL, Carmen Gil de Arriba. Turismo religioso y el valor sagrado de los lugares: simbología identitaria y patrimonialización del monasterio de santo Toribio de Liébana (Cantabria). **Cuadernos de Turismo**, n. 18, p. 77-102, 2006.

GRECIA, George D. What is Pilgrimage?. **International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage**. V.6: Iss. 2, Article 3, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, jun. 2002, pp. 11 – 29.

MILLÁN, G., Morales, E. y Pérez, L. (2010). "Turismo religioso: Estudio del camino de Santiago". **Gestión Turística**, no. 13, pp 09-37.

OHEN, Erick (1992): "Pilgrimage centers: concentric and excentric". **Annals of Tourism Research**, 19(1), pp. 33-50.

PARELLADA, J. E. El turismo religioso. Sus perfiles. **Jornadas de Delegados de Pastoral de Turismo**, Ávila: Conferencia Episcopal Española, 2009.

PROCISSÃO número 225 do Círio de Nazaré leva 2 milhões às ruas de Belém. Portal G1 – PA. 8 out. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2017/noticia/procissao-numero-225-do-cirio-de-nazare-leva-2-milhoes-de-pessoas-as-ruas-de-belem.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2017.

RAFFESTIN, Claude. Reinventar a hospitalidade. Tradução: Profa. Marielys S. Bueno. **Communications**, n. 65, Paris. Editions Du Seuil, 1997.

RIBEIRO, Cristiane Menezes. Turismo religioso: fé, consumo e mercado. **Revista Facitec**, v. 5, n. 1, p. 1-37, ago./dec., 2010. Disponível em: <http://periodicosbh.estacio.br/index.php/e-revistafacitec/article/view/4819/2232>. Acesso em: 10/08/18

RINSCHEDÉ, Gisbert. Forms of religious tourism. **Annals of tourism Research**, v. 19, n. 1, p. 51-67, 1992.

SHARPLEY, Richard; SUNDARAM, Priya. Tourism: a sacred journey? The case os ashram tourism, India. **International Journal Tourism Research**, v. 7, n. 3, May/june 2005, p. 161-171.

SILVA, Maria Fátima; BORGES, Isabel Martins. Religious tourism and pilgrimages in the Central Portuguese Way to Santiago and the issue of accessibility. In: ÁLVAREZ-GARCÍA, José; RANA, María del Cruz del Río; GÓMEZ-ULLATE, Martín.

SMITH, Valene. Introduction: the quest in guest. **Annals of Tourism Research**, v. 19, n. 1, 1992, p. 1-17.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

UNWTO - Organización Mundial del Turismo. El turismo puede proteger y promover el patrimonio religioso. **Press Release**, PR n.14.083, 10 Dic. 2014. Disponível em: <<http://media.unwto.org/es/press-release/2014-12-11/el-turismo-puede-proteger-y-promover-el-patrimonio-religioso>> Acesso em: 4 maio 2017.

VALLE, Edênio. Santuários, romarias e discipulado cristão. **Horizonte**, Belo Horizonte, p. 31-48, mai. 2009. ISSN 2175-5841. Disponível em: <<http://200.229.32.55/index.php/horizonte/article/view/501/526>>. Acesso em: 21 Ago. 2017.

Artigo recebido em: 23/10/2019

Avaliado em: 09/11/2019

Aprovado em: 09/11/2019